

## NTU

Henrique Cunha Júnior\*

**Resumo:** Este artigo faz uma introdução da cultura e do pensamento das sociedades bantu. Refere-se aos conceitos contidos nas filosofias africanas. Procura dar uma introdução aos termos classificatórios das línguas bantu como parte de uma filosofia coletiva disseminada na educação da sociedade bantu. Tratamos dos significados das classificações de Muntu, Kintu, Hantu, Kuntu e Nommo. Apresenta a geografia e a sociedade para melhor situar o universo da filosofia.

**Palavras-chave:** Filosofia africana, sociedade bantu, conhecimento africano, cultura bantu.

**Abstract:** This paper presents an introduction on cultural and thinking of Bantu societies. It refers to basics concepts of African philosophy. Works with the classificatory terms of Bantu languages as a part of collective philosophy gave by the Bantu social education. It is treated the significations of the classificatory terms Muntu, Kintu, Hantu, Kuntu and Nommo. It is also presented the geographical localization and general aspects of the Bantu society to possibility a better understanding of the philosophical aspects.

**Key words:** African philosophy, Bantu society, Africans knowledge, Bantu Culture.

### Os princípios das formas

NTU, MUNTU, BANTU e UBUNTU são termos que dão significado a este artigo. NTU o principio da existência de tudo. Na raiz filosófica africana denominada de *Bantu*, o termo *NTU* designa a parte essencial de tudo que existe e tudo que nos é dado a conhecer à existência. O *Muntu* é a pessoa, constituída pelo corpo, mente, cultura e principalmente, pela *palavra*. A palavra com um fio condutor da sua própria história, do seu próprio conhecimento da existência. A população, a comunidade é expressa pela palavra *Bantu*. A comunidade é histórica, é uma reunião de palavras, como suas existências. No *Ubuntu*, temos a existência definida pela existência de outras existências. Eu, nós, existimos

porque você e os outros existem; tem um sentido colaborativo da existência humana coletiva. As línguas são um espelho das sociedades e dos seus meios de nomear os seus conhecimentos, no sentido material, imaterial, espiritual. A organização das línguas Bantu reflete a organização de uma filosofia do ser humano, da coletividade humana e da relação deste seres com a natureza e o universo como veremos mais adiante.

As filosofias africanas. O conhecimento da realidade e a imaginação reflexiva sobre as compreensões das conseqüências das relações instituídas entre os seres da natureza, animados e inanimados (nas sociedades africanas tudo tem vida), constitui parte das filosofias africanas vindas das sociedades ligadas as questões da

ancestralidade, da identidade territorial, da transmissão dos conhecimentos pelas palavras falado pelos seres humanos e pelos tambores. Formas de filosofar coletivas de conhecimento geral, produzindo valores éticos que regulam as vidas cotidianas das sociedades africanas, ditas tradicionais (tradição no sentido da repetição no tempo com modificações e inovações, mas sempre referidas a uma história do passado e transmita por um ritual social normativo). Sociedade que os textos de Chinua Achebe (ACHEBE, 1983), Sobonfu Some (SOMÉ, 2003) e José Flavio Pessoa (PESSOA, ) bem nos descreve e nos ensina sobre os seus princípios, valores e forma de organização. São formas filosóficas de refletir e ensinar e aprender sobre as relações dos seres da natureza, do cosmo e da existência humana. São filosofias pragmáticas da solução dos problemas da vida na terra, profundamente ligados ao existir e compor o equilíbrio de forças da continuidade saudável destas existências, sempre na dinâmica dos conflitos e das possibilidades de serem postas em equilíbrio. A contradição e a negociação. Os problemas da existência física e espiritual fundamentam-se nos da existência de uma totalidade que governa as gerações e que permite a continuidade dinâmica da vida pela interferência humana. São formas de pensar, tomadas dos mitos, dos provérbios, dos compromissos sociais que formam uma ética social, refletem, inscrevem (e mesmo escrevem (CUNHA JUNIOR, 2007)) registrado na oralidade os condicionantes da existência humana, da formação social, das relações de poder e justiça, da continuidade da vida. A natureza como respeito profundo a vida. Não temos Candomblés e Umbandas (Designando as diversas religiões de base africana)

sem folhas, não temos Candomblés e Umbandas sem normas de respeito a natureza e as suas forças ou energias. Pelo menos penso que foi assim que aprendi em casa as normas do respeito ancestral. A natureza, o meio ambiente, a localidade a comunidade ou os lugares na sua complexidade ou integralidade fazem parte do ancestral. Penso que foi assim que aprendi em casa, não na escola, nem no convívio social brasileiro, muito menos e infelizmente nas faculdades universitárias que cursei, a essência do respeito aos ancestrais como forma de respeito ao conhecimento.

Na escola me impuseram o racionalismo ocidental de forma irracional desconectados das culturas vividas pelo meu grupo social e de meu interesse quanto identidade histórica, ou seja, pouco convincente do ponto de vista pedagógico. Disse o primeiro professor de filosofia, no curso de Ciências Sociais (1976), que o pensar lógico e filosófico na humanidade nós devemos aos Gregos. Objeção minha a declaração do professor, como todo o respeito. Povos anteriores aos Gregos já tinham organizado as suas lógicas e os seus sistemas filosóficos. Coisas que eu tinha ouvido falar em casa nas vozes dos amigos de meu pai, que eu as descrevo um conto (CUNHA JUNIOR, 2005). O conflito de poder estava formado, em classe, mas refletia um conflito maior entre as nossas sociedades com a ocidental dominante, conflito que na época eu não dispunha da bibliografia que hoje disponho, portanto a minha argumentação foi ridicularizada com afirmação professoral e meio sorridente que tudo que não era grego, não era lógico, filosófico, baseado em método e que estava externa a história da filosofia seria portanto. Eu argumentava que história que ele chamava de história da

filosofia, não era mais que a história da filosofia grega. Que deixava de fora os Núbios, Etíopes, Egípcios, Indianos, Chineses (discurso que tomava emprestado dos discursos de Malcon X, um dos líderes de grande importância nos Estados Unidos da Américas dos anos de 1970, nas sem, no entanto tê-los aprofundado). Reposta meio que silenciosa e irônica foi que eu deveria estudar, depois um dia saberia sobre o que estávamos conversando, que até então não sabia de nada. Assim seguiu. Perpetuou-se um sorriso irônico, um sorriso da prepotência ocidental. Reafirmado em caracterizar tudo que fosse Africano como pré-lógico. Hoje, depois de muito estudar e tentar aprender confesso que em uma coisa ele tinha razão, eu não sabia e pior ainda hoje sei apenas o tamanho do meu desconhecimento. Continuo a não saber das lógicas e das filosofias da humanidade que muitíssimo mais amplas que as expressas no ocidente (CHENG, 2008), (BIDIMA, 1995), (BIYOGO, 2006), (OBENGA, 1990), (BERNAL, 1987). Vejam como os (S) esses respectivos do plural. Também se trata em rever as supostas origens gregas da filosofia devidos fatos de que Pitágoras estuda 23 anos no Egito, assim como Euclides, Tales, Sólon e Platão e muitos outros gregos. A ênfase dada por G. James (JAMES, 1954) no seu livro a “Stolen Legacy” é que o legado da filosofia dos povos norte africanos foram apropriados pelos gregos. Esta idéia é retomada por Martin Bernal nos seu clássico a Atenas Negra (BERNAL, 1987).

A racionalidade (o pensamento e a filosofia) é considerada grega por duas razões quase que irracionais. A primeira pela imensa irracionalidade de desconhecer o legado de outros povos e de não os considerar inteligentes pelo desconhecimento. O eurocentrismo

ocidental reza tudo aquilo que ele desconhece não tem grande importância para o conhecimento racional. O ocidente não conhece, portanto não existe. Dado ao desconhecimento ocidental, às vezes acidental noutras proposital (BERNAL, 1987), grande parte do conhecimento da humanidade não existem como conhecimento racional. Reduz os povos não ocidentais a povos que não pensam de forma lógica. A ignorância ocidental sobre os não ocidentais (ou pelo menos conhecimento parcial) produziu a arrogância e desta a eurocentrismo, em se considerar única fonte dos únicos pensamentos lógicos racionalizados pelas lógicas do seu conhecimento. Coisas inclusive tratadas pelos filósofos gregos e demonstravam uma grande admiração pelos Africanos, da Etiópia, Egito e Núbia (KARAGEORGHIS, 1988), (OBENGA, 2005). A segunda razão, de origem epistemológica, que consiste em ter formulado o problema e o solucionado apenas segundo os seus limitados métodos científicos. Tendo solucionado o problema a sua forma ficaram deslumbrado ante sua magistral criação, dito a si próprio este é “O problema” e estas são as suas “Únicas Soluções. Diríamos para os filósofos eurocentricos que Narciso detesta tudo que não seja espelho. Por exemplo, existe um método denominado na cultura dos faraós de Tep-heseb, que consiste na forma correta de tratar os conhecimentos sobre a natureza (VERCOUTTER, 1956). Do qual poderíamos nos interrogar se dele não deriva a razão teórica da antiga Grécia, as contribuições de Galieleu e Descartes. No entanto esta existência, como outras não são mencionadas pela filosofia ocidental transmitindo a sensação que esta nasce de si própria.

As sociedades africanas e afrodescendentes da diáspora africana

enfrentam desde as invasões européias (1450-1900) e dos desterramentos do escravismo criminoso um problema posto pela dominação eurocentrica. O do reconhecimento da cultura e da história africana e afrodescendente. O problema da “identidade pensante” e ativa na construção do nosso lugar na humanidade e nos destinos nossos e da humanidade. Neste sentido o principal problema destas sociedades e nossos como membros dela, mesmo inseridos em outras sociedades hegemônicas, é o problema da expressão própria, da autonomia de pensamento, da liberdade dos seres e dos pensamentos. A liberdade, a autodeterminação, a dignidade sócio-econômica e o conhecimento africano são os constituintes das filosofias de africanos e afrodescendentes desde antes conhecermos Booker Taliaferro Washington (MEIER, 1963) e os intelectuais da independência do Haiti. Eles nos expressam um fazer filosófico do qual nos falam Paul Hountonji (HOUNTONJI, 1980), Severino Ngoenha (NGOENHA, 1992), Eduardo de Oliveira (OLIVEIRA, 2007), Munis Sodré (SODRE, 1983), Emanuel Soares (Emanuel, 2008). O que podemos nomear de filosofia africana e afrodescendente na atualidade trata-se de uma filosofia como para além de uma hermenêutica da libertação e da redescoberta dos seus elementos no campo de unidade na diversidade da diáspora africana. Trata-se de resolver as questões postas pelo eurocentrismo, colonialismo, racismo, ou seja, do conjunto da dominação ocidental sobre as populações africanas e africanas da diáspora.

No âmbito de uma disciplina semestral este texto tem como propósito a introdução ao pensamento das sociedades do NTU, para termos um caminho de acesso ao pensamento

africano e a história e cultura africana. Faz parte de um tecido em trabalho de concepção e tecelagem ao mesmo tempo, de forma ainda inicial. Trata-se de parte de um projeto científico no campo do instituímos como Africanidades Afrodescendência.

Este texto apresenta de forma sumaria e introdutória os princípios do pensamento das populações Bantu, como parte de introdução da cosmovisão africana, da história e cultura africana nas disciplinas de pós-graduação em educação brasileira da Faculdade de Educação de Universidade Federal do Ceará. Depois de uma década que estamos trabalhando com o conhecimento de base africana chegamos a condição de contarmos com três disciplinas de pós-graduação, mestrado e doutoramento, num só semestre, numa só linha de pesquisa e como um disciplina seminal na graduação em pedagogia.

### **Bantu com designação**

A designação por Bantu de uma grande região africana vem grupo lingüístico. Existe no continente africano uma diversidade imensa de línguas e de culturas, sendo podemos reconhecer neste conjunto uma unidade cultural. Unidade esta que Diop (DIOP, 1990) denomina como a unidade na diversidade. Esta unidade cultural pode ser reconhecida quando comparamos as diversas sociedades africanas entre si e vemos que todas elas têm em comum valores sociais. Estes valores são bastante distintos dos valores europeus ou ocidentais e dos orientais. São fortemente africanos. Podemos designar como região de línguas Bantu uma imensa região correspondente a quase metade do território africano indo de Camarões no Atlântico ao Quênia no Indico, incluindo todos os países até a África do Sul.

O povoamento da continente africano parece historicamente ter se dado por ciclos migratórios. Estes ciclos exercem um movimento da região do rio Nilo em direção a regiões do norte africano e da África ocidental. No sentido da região do Oceano Indico para Oceano Atlântico. Por ultimo da região da África Ocidental, região do Rio Niger, em direção ao sul africano e atravessando o continente entre o Atlântico e o Indico sul. As culturas das diversas regiões de certa forma têm traços em comum vinda destes movimentos migratórios. A região das línguas bantu seria a ultima síntese cultural, tendo influencias de todas as outras migrações. As rotas comerciais que cruzam o continente e que se comunicam com larga extensão da Ásia e da Europa foram ao longo da historia um elemento de trocas culturais dentro desta dinâmica da produção da diversidade e da unidade cultural.

Na concepção das sociedades o ser humano composto do se corpo físico e da sua inteligência viva. Esta inteligência viva não vista como separada do corpo físico. Em certas situações, como na morte, o corpo físico pode se separar da inteligência viva. Trata-se de uma inteligência existente sem a vida corporal. A inteligência uma força espiritual viva, que do ponto de vista filosófico é metafísica, existe forma eterna, embora sempre de forma dinâmica sofre modificações da sua força existencial. Esta inteligência viva renasce e prolonga sua vida nos descendentes.

Os povos Bantu participam do conjunto de semelhanças culturais que podemos dizer como valores sociais africanos. Estes valores estão relacionados com um Deus Único que recebe nomes diferentes, tais como Nzambi (Congo), Mogai ou Ngai (Quênia) e Olorum

(Nigéria-Brasil). Este Deus Único é o criador de tudo, e dele pouco se fala no sentido de defini-lo, no entanto reconhecendo a sua manifestação de diversas formas no cotidiano das famílias. A cultura africana de uma maneira geral é indissociável do respeito a este criador, sem que isto necessariamente se configure como uma religião, com dogmas e cultos específicos. O criador na grande maioria de povos africanos produz a humanidade vinda a terra de um grupo de pessoas. Os seres humanos na mitologia africana têm o caráter grupal, e não individual. O criador estabelece a existência de uma energia presente em tudo que existe que é denominada como força vital (OLIVEIRA, 2003).

Talvez o segundo valor social africano e um dos mais importantes para conhecimento das sociedades africanas este associado a “palavra falada”. A palavra falada cria nas sociedades africanas. Ela tem o dom transformador. Uma criança nasce e de imediato é classificado na categoria de coisas, seres animados, não é um ser humano até que através da palavra falado alguém de um nome e o pronuncie. A palavra transforma os ser animado em ser com potencial humano, passível de inteligência humana a ser desenvolvida durante a vida. O ato da fala envolve muitos meandros interessantes nas sociedades africanas. Temos que os tambores também falam. A síntese de transmissão de informação pelos tambores é realizada em alguns povos. Por outro lado a fala do tambor pode ser pensada como a comunicação com o mundo espiritual, como veremos adiante.

O sagrado da palavra é que da a sua importância nas sociedades africanas. A escrita é uma invenção existente em varias sociedades africanas (CUNHA

JUNIOR, 2007), como a Etiópia, Núbia e Egito, sendo que mesmo na presença destas a palavra falada é um valor social. Da palavra decorre o discurso oral, a oralidade. O discurso oral tem um lugar privilegiado nas sociedades africanas. A oralidade funciona como uma matriz cultural de construção do discurso e tem diversos empregos nas diferentes sociedades do continente. Deste discurso oral emergem as mitologias, provérbios, histórias e literaturas. As literaturas escritas guardam o suporte da oralidade (PADILHA, 2007), (QUEIROZ, 2007), (BATTESTRI, 1997). A oralidade africana é um conceito amplo, que abrange oratura, oralitura, inscritura, tradição oral, literatura oral e historia oral. São formas da arte verbal e da construção do pensamento na sua forma verbal. O discurso verbal pensando e composto com diversas formas de expressão, como teatro, a música, a dança e a expressão corporal. O discurso composto incorpora os instrumentos musicais e o corpo. São textos das mais variadas formas que não implicam de forma necessária os acessos públicos. Temos textos iniciáticos, textos de grupos de conhecimento científicos e tecnológicos secretos de grupos de especialistas, textos eruditos, no sentido do conhecimento decodificado por um grupo fechado. A decorrência da palavra é muito ampla nas diversas culturas do continente africano.

A ancestralidade é um valor social contido nas sociedades tradicionais que resiste mesmo a urbanização moderna ou a presença de religiões européias. (O cristianismo que de é origem asiática – africana - judaica, se encontra na base da construção do ocidente, onde foi elaborada uma versão ideológica onde esta religião fica caracterizado como uma religião européia. Mesmo as

populações africanas cristianizadas tem como valor social a ancestralidade). A ancestralidade esta presente nos mitos de criação dos diversos povos africanos. Os ancestrais mais antigos são considerados como sagrados, cultuados e respeitados como iniciadores de uma determinada cultura e povo. Na ancestralidade reside a definição de uma família, de grupos locais, de etnias e de povos africanos. O povo Queniano construí a explicação da sua origem baseada em 9 ancestrais mulheres Moombi (KENYATTA, 1938). Desta ancestralidade resultam as bases da identidade do povo Queniano. O povo santo de religião Nagô no Brasil tem como ancestrais os Orixás. Sendo que as populações Iorubanas da Nigéria também têm os Orixás como ancestrais. Os ancestrais são importantes tanto para a construção da identidade como da territorialidade dos diversos povos africanos e de africanos na diáspora. Estes ancestrais mais antigos fazem a ligação entre o mundo visível e invisível, o que de maneira simplista, devido a influência cristã no pensamento brasileiro, denominaríamos de como a terra e o céu. Da ancestralidade implica também uma visão sobre a morte, como continuidade da vida inteligente no mundo invisível e o ressurgimento desta noutra vida corpórea no mundo visível.

A família entendida é um valor social que decorre da ancestralidade e das associações realizadas na sociedade. Trata-se de uma família realizada em sociedade com poligâmias masculinas e femininas. Com conceitos de pertencer a uma família mesmo pelo uso comum do solo, por vizinhança ou por adoção. A família estendida tem importância nas relações sociais de poder e econômicas. Da reunião destas famílias estendidas surge o glã, as comunidades locais das

vilas, dos glês, os povos, deste os estados nacionais.

Os valores sociais no campo da economia têm relação com a produção rural, criação, plantação e pesca que sempre tem um modo de produção de uso comum das terras e cooperação dos membros da sociedade, de reserva de parte da produção para os mais velhos e para as atividades sociais. Existe também uma ampla realização da urbanização e do comércio nas sociedades africanas representado sobre tudo pela feira e mercados. O comércio, as feiras e os mercados africanos são parte dos valores sociais africanos. O desenvolvimento das sociedades africanas em estados é resultado da associação do comércio como a família estendida. A mineração e produção manufatureira são integrantes do comércio e produtores de particularidades das sociedades nacionais. A metalurgia do ferro aconteceu em todas as sociedades africanas do passado. Para todas aparece um ancestral inspirador da metalurgia do ferro. As principais transformações de grande parte do continente africano ocorreram depois do advento do ferro.

A produção rural nas sociedades Bantu ocorre por dois modos de produção, um cooperativo informal e outro de trabalho coletivo nas terras do chefe local (ALTUNA, 2006). O trabalho cooperativo informal é nas terras de uma família. Nesta os anfitriões convidam os vizinhos para ajudá-lo e promove uma festa em recompensa ao trabalho. O clima de trabalho é de amizade solidariedade e festa. Não existe muita hierarquia e nem uma perfeita organização. O trabalho é completamente espontâneo. Já o trabalho nas terras de um chefe local tem uma organização. Existe uma perfeita sincronia, por exemplo, no

cavar a terra. Nos territórios da África do Sul entre os Zulus o sistema de corvéia na terra do chefe local é chamados de um-Butiso. O trabalho é coordenado e ritmado por cânticos. Aqui também o chefe local promove uma festa durante o trabalho. Não são modos de produção compulsórios. Esta herança do trabalho comunitário cantando e festejado se repete em algumas comunidades quilombolas e rurais do Brasil constituindo um modo de produção africano de difícil ajuste a convivência com os modo capitalista destruidor das culturas não ocidentais.

#### **NTU, MUNTU, KINTU, HANTU, KUNTU. As formas dos princípios filosóficos**

NTU é a força do universo, que sempre ocorre ligada a sua manifestação em alguma coisa existente no campo material ou do simbólico ou do espiritual, nomeados nas formas de muntu, kintu, hantu e kuntu. O NTU embora não existe por si próprio, ele transforma a tudo que existe com elementos tendo uma mesma natureza em comum. Tudo tem o seu NTU. O NTU não expressa a força da natureza em si, mas a sua existência. Importante que Deus é a única categoria a parte que não tem necessidade de se expressar pelo NTU. O Deus é único é não é um NTU, mas os ancestrais e Inquices são parte de um dado NTU. O NTU é uma expressão de energia. Tudo é composta da combinação ou transformações da energia em qualidades diversas. Cada categoria tem um NTU em determinada qualidade ou modalidades.

Nas línguas africanas as existências do mundo material e imaterial podem se agrupadas em um número de pelo menos quatro categorias. São classificações lingüísticas. Estas quatro categorias básicas de tudo que existe é bem explícita nas línguas bantu e

podem ser nomeadas como: MUNTU, para os seres humanos completos, KINTU, para as coisas animadas e inanimadas consideradas todas como portadores de vida, HANTU, representando tudo que tem relação com tempo e espaço, KUNTU, como modalidade ou como os atributos de inter-relação de categorias, como uma força que permite a ligação entre dois significados. (KAGAME, 1956). Esta quatro categorias não são apenas da lingüística elas são categorias também da filosofia coletiva africana. Toda a existência, toda a essência, em toda forma que ela pode ser concebida e pode ser submetida a este conjunto de categorias. Notamos a diferença com as línguas ocidentais, onde as palavras são classificadas por gênero gramaticais. Nas línguas bantu as palavras dentro destes grupos de classificação são conhecidas pelos seus sons que agrupam energias de uma determinada qualidade (FINNEGAN, 1983). Cada palavra possui uma espécie de prefixo determinativo da sua natureza, ou melhor, dizendo da qualidade, natureza ou estado da sua força ou energia interna, da organização do seu NTU.

MUNTU é classificação para seres dotados de inteligência. São considerados Muntu os seres humanos, vivos ou mortos. Os ancestrais e mesmo os Inquices, como ancestrais mais antigos da sociedade, estão nesta categoria de Muntu. Os animais não possuem a inteligência humana, sendo que a eles é considerada a existência de uma inteligência limitada e voltada mais para a repetição ou imitação do que a criação da inovação. No entanto, para as sociedades bantu os seres humanos e os seres animais têm em comum os sentidos da audição, visão, olfato, paladar e o sentimento. Mas os sentidos humanos são dotados do completo do conhecimento advindo da inteligência

humana. O conhecimento é uma manifestação da inteligência ativa. A inteligência ativa nas culturas bantu é pensada como tendo duas formas distintas de manifestação, a prática e a habitual. Na inteligência pratica estão agrupados os atos compreensão dos sentidos das coisas, os aprendizados rápidos, do desvendar de segretos e da sagacidade e da esperteza. A inteligência da habilidade contém os atos de conhecimento sedimentado, as habilidades aprendidas e aperfeiçoadas. A existência de inteligência implica sobre tudo na possibilidade de compressão e interpretação da natureza e das relações da vida. Esta inteligência ativa implica na forma que o ser Muntu utiliza a força ou a energia da natureza, ou seja, dos Kintu. Podemos talvez dizer que um ser humano completo é o possui inteligência ativa e desenvolveu uma personalidade. O Muntu é um ser humano com uma identidade e uma história.

KINTU é uma classificação para coisa, tendo o sentido de forças do NTU não contendo inteligência e que fica a disposição dos seres humanos para propiciarmos a vida. O plural de KINTU é a palavra BINTU, ou coisas. São seres que não tem atividade própria, sendo que a idéia das atividades não é no sentido de movimento, mas sim de fazer pelo uso da inteligência que implica na capacidade de aprender criar ou executar. Vegetais, animais e substâncias como os metais são classificados como Kintu. Somente pela ação de um Muntu que os tem atividade ou transformações em outras coisas.

KUNTU é uma modalidade que abriga qualidades subjetivas e modificadoras de outras qualidades. A inteligência é uma propriedade classificada como Kuntu. A inteligência é um atributo humano que compõe outro conceito



complexo que é vida da inteligência. O sorriso, a beleza ou a esperteza são formas de energia da qualidade do Kuntu. Existe o atributo que tem vida própria independente do ser da natureza que o expresse. O sorriso é um ato que possui energia própria. (Kuntu é o conceito mais difícil de expressar nas línguas ocidentais).

HANTU é a categoria classificatória de lugares. Temos que no pensamento africano um lugar é definido com relação a um tempo. A categoria espaço – tempo formam um binômio produzido pela classificação em Hantu. As palavras ligadas aos pontos cardeais, aos espaços geográficos ou a descrições do tipo mapas estão presentes nesta categoria. Mas também ontem, hoje e amanhã. Manhã, tarde, entardecer, noite e amanhecer. Hantu é a qualidade de energia da localização espacial, temporal e do movimento de mudanças.

O NOMMO é um complicador neste universo das formas de existência do NTU. NOMMO é a força motora que da vida, sentido e eficácia para todas as coisas (Eficácia como a qualidade daquilo que produz o efeito desejado). Nommo é uma fonte dessa qualidade, onde temos uma palavra, uma semente, uma água e um sangue. O NOMMO é uma qualidade ligada a harmonia dos Muntu, Kintu, Hantu e Kuntu. Trata-se da forma de manter a organização desses elementos. O que nos faz compreender a organização e o significado destes conceitos classificatórios e de suas associações. O NOMMO produz uma possibilidade de harmonia das forças de tudo que existe no mundo visível e invisível.

Nas culturas africanas a palavra NOMMO aparece de diversas formas e com vários significados, todos eles de natureza complexa. Nommo tem uma grande importância na cultura do povo

Dongo do Mali. O Nommo neste povo tem relação com os conhecimentos avançados de astronomia. Na mitologia milenar Dongo, que tem muita relação com o Egito e Núbia antigo, aparece uma descrição do sistema estelar Sirius, como três estrelas e como a origem do Universo. Até 1970 e astronomia do ocidente conhecia apenas uma estrela deste sistema. Em 1970 foi descoberta a segunda estrela (Sirius B), e em 1995 a terceira (Sirius C). Tornou-se conhecido então como o mistério do conhecimento astronômico Dongo. Os Dongos já sabiam da rotação da terra em torno do sol, da existência das luas de Júpiter e dos anéis de saturno, muito antes deste terem sido pensados nas sociedades do ocidente.

Para melhor compreensão do Nommo na cultura Bantu, podemos acrescentar os conceitos de totalidade e de Ubuntu das línguas Bantu (FOSTER, 2006), (NGOENHA, 2006). A noção de totalidade é uma importante no mundo bantu. A totalidade de toda a existência seja material, espiritual e humana. A totalidade é um aspecto preponderante do cosmo. A totalidade pode ser descoberta em todas as esferas da visão de mundo das sociedades bantu. Na criação do universo o criador fez como que tudo que existe tivesse uma relação, esta relação possui uma dinâmica de transformação, podendo ser alterada pelos Muntu, visíveis e invisíveis. A noção de totalidade é semelhante a noção de sistema na matemática atual ocidental, onde seria um conjunto completo de tudo que existe e das relações passíveis entre eles. O criador realizou a criação ou continua realizado tendo como fator importante a harmonia e o equilíbrio. Entretanto a harmonia e equilíbrio são variáveis, existe a necessidade de atos dos Bantu (pessoas visíveis e invisíveis) para preservação

ou constante restabelecimento da harmonia e do equilíbrio.

Na sociedade o Ubuntu representa a existência respeitosa e equilibrada entre os seres da natureza. No Ubuntu repousa a comunidade e suas relações sócias baseadas na tradição, na ética social e no reconhecimento de todos como indispensáveis. A identidade e a personalidade dos indivíduos é parte do Ubuntu. Este Ubuntu é a aplicação do conceito de totalidade as relações humanas e as sociedades existentes. O Nommo tem haver com a preservação da harmonia.

### **Dado o preâmbulo da forma terminamos aqui como começamos**

Na raiz filosófica africana denominada de *Bantu*, o termo *NTU* designa a parte essencial de tudo que existe e tudo que nos é dado a conhecer à existência. O *Muntu* é a pessoa, constituída pelo corpo, mente, cultura e principalmente, pela *palavra*. A palavra com um fio condutor da sua própria história, do seu próprio conhecimento da existência. A população, a comunidade é expressa pela palavra *Bantu*. A comunidade é histórica, é uma reunião de palavras, como suas existências. No *Ubuntu*, temos a existência definida pela existência de outras existências. Eu, nós, existimos porque você e os outros existem; tem um sentido colaborativo da existência humana. Neste texto demos uma possibilidade de introdução a cultura e a filosofia das sociedades Bantu.

Ainda a título de complemento das informações nos temos que a idéia do NTU como principio, energia fundamental, não é único das sociedades Bantu, aparece de outras denominações em outras sociedades de filosofias sociais coletivas africanas, com mesmo sentido ou sentido

semelhante. O Ntu ou a idéia de uma partícula constituinte da totalidade está presente não apenas no conhecimento cotidiano da filosofia, nas filosofias coletivas, como aparece em corpos filosóficos escritos africanos, como é caso da Etiópia cujo exemplo mais conhecido no ocidente é a obra de Zaara Yagob (É o principal filosofo Etíope do século 17, tendo vivido entre 1599 e 1692.). Nos seus trabalhos ele remete o principio da filosofia Etíope a expressão Se 'en. Deste termo se compõe muitas formas de explicação da vida como das ciências. Se'na Afaatarik é a arte da ciência da história oral (SUMMER, 1999) (Ver Claude Summer que tem vários livros sobre a obra de Zara Yagob, como também Teodoro Kiros (KIROS, 2000)). Se'en é o Deus da criação e da criatividade, que é o principio da filosofia Etíope. A tradição filosófica da Etiópia produz uma herança na Jamaica que é o pensamento Rastafari (MELLO / SOUZA, 2008)

Terminamos repetindo sobre a importância do conhecimento e do reconhecimento dos conceitos filosóficos e da cosmovisão africana para o entendimento das culturas de base africana na sociedade brasileira. Para uma melhor compreensão do significado da presença das populações africanas na diáspora brasileira. E também para construção de um conhecimento que possa ir além das amarras do eurocentrismo e das limitações do universo grego judaico cristão romano. Irmos além das proposições apenas do marxismo europeu como fonte de inspiração para reflexão das populações oprimidas. Não podemos pensar que arrancou os dentes deva ser agradecido por nos dar dentaduras. O conhecimento das filosofias nos proporciona a liberdade de pensar o povo africano e afrodescendente como produtores de

conhecimento filosófico. Este artigo é apenas uma introdução que apresenta de maneira genérica, como um roteiro de leituras, as possibilidades de pensarmos a filosofia africana num das suas raízes que é a cultura Bantu. Embora se apresente de maneira introdutória as exemplificações deixam registros de que a filosofia não é única, nem se quer apenas um legado da cultura grega. Pensar filosófico também é africano, também é afrodescendente, faz parte da condição humana.

### Referências

- ALTUNA, Raul Luiz. Cultura tradicional Banta. São Paulo: Edições Paulinas. 2006.
- BARROS, Flavio Pessoa. Fogueira de Xangô. O Orixá do fogo. Rio de Janeiro: Editora Pallas. 2005.
- BATTESTINI (?), Simon. Ecriture e texte. Contribution africain. Quebec / Paris: Universite Laval/ Presence Africaine. 1997.
- BERNAL, Martin. Black Athena. The Afroasiatic Roots of classical civilization. London: Free Association Books. Vol 1. The fabrication of Ancient Greece. 1987.
- BIDIMA, J. La philosophie Negro – Africane. Paris: Presses Universitarie L’Harmattan, 1995.
- BIYOGO, G. Histoire de la philosophie africane. Paris : L’Harmattan. 2006. Vol. 1 Le berceau egypcien de la philosophie.
- CHENG, Anne. História do Pensamento Chinês. Petrópolis; Vozes. 2008.
- CUNHA JUNIOR, Henrique. O Etíope: Uma escrita africana. Revista Educação Gráfica. 2007. Vol. 11, pp. 1-10.
- DIOP. Cheikh Anta. The Cultural Unity of Black Africa. Chicago: Third world Press. (Quinta edição). 1990.
- FINNEGAN, Ruth. Oral literature in Africa. Londres: Oxford University Press. 1983 (quinta edição).
- FOSTER, Dion Angus. Validation of individual consciousness in strong artificial intelligence: An African Theological contribution. Pretoria: University of South Africa. 2006.
- JAMES, G. Stolen Legacy, the Greeks were not the Authors of Greek Philosophy, but the People of North Africa, Commonly called the Egyptians. New York: phailosofical Library, 1954.
- KAGAME, Aléxis. La philosophie Bantu – Rwandaise de l’Etre. 1956.
- KARAGEORGHIS, V. Blacks in Ancient Cypriot art. Houston, Tex: Menil Foundation. 1988.
- KENYATTA, Jomo. Facing Mount Kenya. Nairobi: Heinemann Educational Books. 1938.
- KIROS, Teodoro. Zara Yacobi: Racionalidade do coração humano. 2005.
- SOMÉ, Sobonfu. O Espírito da Intimidade. São Paulo: Odysseus Editora. 2003.
- OBENGA, Théophile. La Philosophie Africanine de la periode pharaonique. Paris: Harmattan, 1990.
- \_\_\_\_\_. L’Egypte, la Grèce e l’Ecole d’Alexandrie. Histoire interculturelle dans l’antiquité aux sources égyptiennes de la philosophie grecque. Paris: L’Harmattan / Khepera. 2005.
- PADILHA, Laura. Entre a voz e Letra. O lugar da ancestralidade na ficção angolana do século XX. Niterói / Rio de Janeiro: EdUFF / Pallas, 2007.
- OLIVEIRA, Eduardo. Cosmovisão Africana no Brasil. Elementos para uma filosofia afrodescendente. Fortaleza: Ibeca, 2003.
- \_\_\_\_\_. Filosofia da Ancestralidade – Corpo e mito na filosofia da educação brasileira. Curitiba: Editora Gráfica Popular, 2007.
- QUEIROZ, Amarino Oliveira de. As inscricuras do verbo: dizibilidades performatica da palavra poética africana. Recife: Tese de doutoramento. UFPE, 2007.
- MEIRE, August. Negro Thought in America: Racial Ideologies in Ages of Brooker T. Washigton. (1880 – 1915), 1963.
- MELLO, Marco José / SOUZA NETO, José. O Kebra Nagast e as representações de si mesmo africanas antigas e afro americanas. IN: XIII Estadual de História. ANPUH – PB (Guarabira), 2008.
- NGOENHA, Severino. Ubuntu: New modal of global justice. Indilinga: African Journal of Indigenous Knowledge. 2006.

\_\_\_\_\_. Por uma dimensão Moçambicana da Consciência Histórica. Porto: Ed. Salasianas, 1992.

RIFIOTES, Théóphilos. Aldeias de jovens: a passagem do mundo de parentesco e o universo da política em sociedade Bantu falante. São Paulo: Tese de doutoramento. FFLCH/USP. 1994.

SOARE, Emanuel. As vinte e uma faces de Exu na filosofia afrodescendente da

educação: imagens, discursos e narrativas. Fortaleza: Tese de Doutorado. UFC, Programa de Pós-graduação em educação Brasileira, 2008.

SUMMER, Claude. Zara Yacob. Cia dos Filósofos. Ed. Por Robert Arrington, 1999.

VERCOUTTER, Jullis. L’Egypte ET Le monde égéen préhelleénique. Paris: Maisonneuve, 1956.



\* **HENRIQUE CUNHA JÚNIOR** é Professor Titular da Universidade Federal do Ceará. Membro do Instituto de Pesquisa da Afrodescendencia – IPAD.